

# **O PROCESSO DE ESCOLHA DO CURSO SUPERIOR: ANÁLISE SOCIOLÓGICA DE UM MOMENTO CRUCIAL DAS TRAJETÓRIAS ESCOLARES**

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins – UFMG – cmmn@uol.com.br

GT: Sociologia da Educação / n.14

Agência Financiadora: CNPq / FAPEMIG

Os resultados apresentados neste trabalho foram produzidos no interior de uma pesquisa maior sobre o processo de escolha do curso de Pedagogia em uma instituição federal de ensino superior.

Na primeira parte dessa pesquisa, partindo dos dados do Censo Socioeconômico da instituição (Braga e Peixoto, 2006) e da aplicação de um amplo questionário aos alunos do primeiro ano de Pedagogia, produziu-se uma caracterização sociológica geral dos estudantes e uma análise, também geral, do processo de escolha do referido curso.

Na segunda parte da pesquisa, passou-se para uma análise mais detalhada desse processo decisório, por meio da identificação de dois subgrupos de alunos: um com perfil social e com uma trajetória escolar mais favorável e outro com um perfil social e escolar menos favorável. Foram consideradas as razões que levaram alunos com perfis sociais e escolares diferenciados a escolherem esse mesmo curso superior. Foi investigado, também, em que medida essas características diferenciadas dos alunos interferiram na maneira como eles conduziram seu processo de escolha, sobretudo no grau de segurança e de antecedência com que a decisão foi tomada e no significado atribuído à escolha do curso em questão.

Acredita-se que os resultados gerados pela pesquisa e que serão apresentados aqui são importantes não apenas para se compreender o processo de escolha de um curso superior específico, mas para nos ajudar a pensar, de uma maneira mais geral, sobre os processos de tomada de decisão que se realizam no interior das trajetórias escolares.

## **O processo de escolha do curso superior**

Por um lado, se tomarmos o processo de escolha do curso superior na sua aparência imediata, somos tentados a vê-lo como definido pelos próprios indivíduos, em função de suas percepções, valores e interesses particulares. Antes de mais nada, a escolha de um curso superior parece estar associada - salvo nos casos em que o indivíduo não teve acesso ao curso inicialmente pretendido (por fracassar no vestibular ou por não ter condições econômicas para cursá-lo) e foi obrigado a fazer outra opção -

às preferências, ao gosto, à “vocação” individual. É comum os indivíduos argumentarem que escolheram determinado curso porque gostam da área, acreditam que têm habilidades apropriadas ao exercício da profissão, ou mesmo, que sempre sonharam em se formar naquela área<sup>1</sup>. Mesmo nos casos em que a escolha não decorre de um gosto declarado pelo curso ou área profissional associada, é possível descrever o processo de decisão como orientado pelas percepções, valores e interesses individuais. Um indivíduo que busca conseguir um diploma qualquer de nível superior, visando apenas obter um novo enquadramento dentro da hierarquia profissional da empresa onde já trabalha, e que escolhe, para isso, o curso de acesso mais fácil, menos oneroso e menos exigente academicamente guia-se, igualmente, por um conjunto particular de representações sobre o sistema de ensino, o mercado de trabalho, sua capacidade intelectual e seu futuro profissional.

Por outro lado, no entanto, por mais que as decisões sobre a escolha do curso superior possam ser descritas como relativamente autônomas, baseadas em preferências e interesses de natureza idiossincrática, os dados agregados mostram, de forma clara e recorrente, as bases sociais desse processo decisório. No Brasil, os trabalhos pioneiros de Gouveia (1970) já apontavam, na década de sessenta, a existência de uma estreita correlação entre a origem social dos estudantes e o ramo do ensino superior no qual estavam matriculados. Gouveia acentuava não apenas a relação entre a situação socioeconômica do estudante e o curso escolhido, concentração dos alunos com perfil socioeconômico mais elevado na área de ciências e tecnologia, incluindo-se aí os cursos de Medicina, Odontologia e Arquitetura, mas também a importância da origem étnica e do gênero na definição dos estudos superiores.

Pesquisas mais recentes, por exemplo, Paul e Silva, 1998, Braga *et alii*, 2001, Braga e Peixoto, 2006, indicam que essas variações no perfil do alunado segundo os cursos é definida anteriormente ao próprio vestibular. Via de regra, os indivíduos já se candidatam aos diversos vestibulares em função do seu perfil socioeconômico (renda, nível de formação e tipo de ocupação dos pais; situação de trabalho no momento da inscrição e pretensão ou não de trabalhar durante o curso), do seu perfil acadêmico (tipo de escola anteriormente freqüentada: pública ou privada, profissionalizante ou geral;

---

<sup>1</sup> Bons exemplos desse tipo de argumentação são encontrados nos relatos apresentados por Sampaio, 2000. Perguntados sobre as razões de terem escolhido seu curso superior, os indivíduos invocam as justificativas mais discrepantes possíveis: vontade de vencer na vida, fato de ser uma profissão autônoma, vocação, vontade de ajudar o país, proximidade da residência, interesse de seguir a carreira do pai, entre muitas outras.

fato de ter ou não feito cursinho preparatório; nível de desempenho acadêmico) e de variáveis ditas pessoais (sexo e idade).

No plano internacional, Bourdieu já constatava em *Les héritiers* (1964) a existência de uma forte correlação entre a origem social dos estudantes (definida pela categoria sócio-profissional dos pais) e o tipo de curso superior freqüentado. O autor mostrava que essa correlação era influenciada ainda pelas variáveis sexo, idade e, secundariamente, pela origem geográfica (rural ou urbana) dos estudantes. De um modo geral, os indivíduos oriundos das camadas superiores da sociedade ingressavam nos cursos mais prestigiados do sistema universitário francês. Os membros das camadas inferiores, ao contrário, quando chegavam ao ensino superior, eram relegados aos cursos e faculdades de menor prestígio. Pesquisas estrangeiras mais recentes - por exemplo, Duru e Mingat, 1979; Duru-Bellat, 1995, 2002; Ball *et alii*, 2001; Reay *et alii*, 2001; Broady *et alii*, 2002 - continuam reiterando, cada vez com maior riqueza de detalhes, essas mesmas observações. Elas deixam claro que, de um modo geral, os indivíduos não escolhem seus cursos superiores de maneira aleatória, a partir de atributos de caráter idiossincrático, mas em função de suas características socioeconômicas e acadêmicas, do seu gênero, de sua idade e de seu pertencimento étnico.

Em síntese, pode-se dizer, então, que as pesquisas sobre a escolha do curso superior apontam duas conclusões básicas. Primeira, a de que o perfil dos estudantes varia fortemente de acordo com o curso freqüentado. Os indivíduos não se distribuem aleatoriamente entre os diversos cursos em função de supostas preferências ou interesses de natureza idiossincrática. Ao contrário, essa distribuição está estatisticamente relacionada às características sociais, perfil acadêmico, etnia, sexo e idade do estudante. Segunda, a de que existe um importante e complexo processo de auto-seleção na escolha do curso superior. Nos termos de Paul e Silva, 1998, os indivíduos parecem “conhecer o seu lugar”.

Apesar dessas conclusões gerais, sabe-se que nem todos os indivíduos jovens e que possuem um perfil social e acadêmico favorável candidatam-se aos cursos mais seletivos, de maior prestígio e rentabilidade. Da mesma forma, nem todos aqueles que possuem características desfavoráveis desistem imediatamente de se candidatar aos cursos mais concorridos. Embora seja verdade que uma grande maioria antecipa-se à seleção do vestibular e se auto-seleciona, adequando sua ambição às possibilidades objetivamente dadas, uma parcela significativa dos indivíduos só desiste de seu sonho depois de repetidos fracassos.

Mesmo entre aqueles que seguem a tendência geral para indivíduos com suas características, ou seja, que escolhem cursos mais ou menos prestigiosos, rentáveis e seletivos conforme sua idade, perfil social e acadêmico sejam mais ou menos favoráveis, a que se lembrar que eles não escolhem, todos, o mesmo curso e que, portanto, há um certo espaço para variações de comportamento. Os estudantes jovens e com bom perfil acadêmico e social têm a sua disposição um amplo leque de cursos considerados rentáveis e prestigiosos. Os estudantes mais velhos e com perfil social e acadêmico menos favorável são levados, por sua vez, a optar entre uma série de outros cursos.

São essas diferenças ou variações de comportamento entre indivíduos com perfil semelhante, ou seja, que pertencem a uma mesma categoria coletiva de análise, que nos interessa investigar. Não basta afirmar que alguns indivíduos preferem a área de Ciências Biológicas e outros de humanas, que uns consideram atraente a idéia de serem professores e outros a rejeitam completamente, que alguns estão dispostos a seguir cursos academicamente exigentes enquanto outros preferem opções mais tranquilas. O desafio é, justamente, o de compreender sociologicamente a origem dessas preferências individuais.

Dito em poucas palavras, parece necessário investigar com mais detalhe as variações no comportamento individual diante da escolha do curso superior. No caso específico desta pesquisa, buscou-se entender por que indivíduos com perfis sociais e escolares diferenciados optaram por um mesmo curso superior e em que medida suas diferenças tiveram impacto na sua maneira de escolher o curso em questão - sobretudo no grau de segurança e de antecedência em que a decisão foi tomada e no significado atribuído a essa escolha.

### **A pesquisa e alguns de seus resultados**

De acordo com o que foi discutido acima, o objetivo central de nossa pesquisa não foi estabelecer um perfil sociológico geral dos alunos que escolhem o curso de Pedagogia e um levantamento das razões que os orientam. Ao contrário, nosso interesse foi compreender diferenças secundárias de comportamento e atitude entre indivíduos que escolhem um mesmo curso superior, no caso, Pedagogia. Alguns tomam essa decisão mais cedo, outros mais tarde; alguns se mostram seguros em relação a opção que fizeram, outros mais indecisos; para alguns, o gosto pela profissão e a vontade de trabalhar na área foram os critérios de escolha, para outros, o que mais pesou foram a

facilidade do vestibular e o horário do curso. O pressuposto é o de que essas e outras diferenças de atitude e de comportamento podem ser compreendidas sociologicamente desde que prestemos atenção às diferenças secundárias no perfil social e escolar dos candidatos que escolhem cada um mesmo curso superior.

Na primeira parte da pesquisa, foram selecionados e analisados dados do censo da instituição estudada, referentes aos alunos que entraram no curso de Pedagogia entre 2003 e 2006. Esse material nos forneceu uma ampla gama de informações sobre a condição socioeconômica e o passado escolar dos alunos aprovados, além dos resultados de uma questão sobre o motivo da escolha do curso para o qual o aluno se inscreveu.

Apesar de apresentar algumas vantagens, a utilização dos dados do censo mostrou-se insuficiente para o cumprimento dos objetivos da pesquisa. Em primeiro lugar, é preciso destacar que o questionário aplicado aos candidatos é bastante limitado no que se refere ao tema da escolha do curso superior. Como dissemos acima, ele conta com apenas uma questão sobre esse assunto. Em segundo lugar, temos o fato de que os dados do censo são disponibilizados apenas em termos agregados. Temos informações, por exemplo, sobre quantos pais tem curso superior e quantos alunos já tinham prestado algum vestibular antes do atual, porém não podemos cruzar as duas variáveis para verificar se há uma correlação entre elas. Mais importante ainda do ponto de vista desta pesquisa, e como uma decorrência a mais do fato dos dados só serem disponibilizados de maneira agregada, o censo não nos permite identificar os alunos que acumulam vantagens ou desvantagens do ponto de vista social e escolar. Assim, não seria possível cumprir nosso objetivo de caracterizar e comparar as razões e o modo como indivíduos com diferentes perfis sociais e escolares chegam a escolher um mesmo curso superior.

Por todos esses motivos, optamos por complementar nossas informações por meio da construção e aplicação de um questionário próprio a todos os alunos dos dois períodos iniciais (diurno e noturno) do curso. Foram respondidos 115 questionários e os resultados foram organizados num banco de dados por meio do sistema SPSS.

A análise desses dados foi feita em diferentes etapas<sup>2</sup>. Inicialmente, procedeu-se a uma análise descritiva básica das respostas dadas pelos alunos às 46 questões do questionário. Esse trabalho inicial foi seguido por uma análise estatística das possíveis correlações entre as diferentes variáveis contempladas pelo questionário e tidas como

---

<sup>2</sup> Todas as análises foram feitas com cautela, considerando-se o tamanho pequeno da amostra, do ponto de vista estatístico.

independentes e as variáveis dependentes, aquelas concernentes às razões e ao modo de escolha do curso superior.

Na etapa subsequente, buscou-se aprofundar o estudo estatístico por meio da constituição de cinco índices (Condições objetivas da família; Trajetória escolar; Condições objetivas do indivíduo; Rede social; Inserção no mercado de trabalho) que agrupavam as variáveis tidas como independentes. Esses índices foram em seguida cruzados com as variáveis dependentes.

Na última etapa da pesquisa, esses índices foram utilizados também para selecionar grupos diferenciados de alunos, sobretudo um grupo com condição escolar e social mais favorável e outro com condição escolar e social menos favorável. Esses dois grupos foram então estudados de maneira mais detalhada, inclusive por meio de entrevistas semidiretivas.

No âmbito deste trabalho, apresentaremos alguns cruzamentos entre as variáveis dependentes e os índices que agregam as variáveis independentes. Esses cruzamentos nos permitem perceber de forma clara como as variações no comportamento dos candidatos no momento da escolha do curso superior estão relacionadas à diferenças no seu perfil social e escolar.

Antes de passarmos à apresentação desses resultados, parece necessário, no entanto, explicarmos melhor como os índices acima referidos foram criados. Fundamentalmente, optou-se por agrupar os resultados dados a cada uma das questões individualmente em cinco índices gerais.<sup>3</sup> Assim, para cada indivíduo, passamos a ter, não apenas suas respostas isoladas para cada uma das questões, mas sua classificação dentro de um índice mais amplo. Passou assim a ser possível avaliar se um dado indivíduo foi submetido a condições objetivas individuais e familiares mais ou menos favoráveis (do ponto de vista do alcance da longevidade e da excelência escolar), se estabeleceu uma trajetória escolar e uma rede de contatos sociais, igualmente, mais ou menos favoráveis ao alcance dos objetivos acima citados, e, finalmente, se possuía uma inserção mais ou menos ampla no mercado de trabalho.

No índice Condições objetivas da família, foram incluídas as questões relativas a localização da moradia; estrutura familiar (quantidade de irmãos e posição na fratria); capital econômico familiar (renda familiar, situação financeira na infância e na

---

<sup>3</sup> O peso de cada questão para a composição de cada um dos índices foi definido tendo como referência o conhecimento sociológico atual sobre a importância relativa de cada uma das variáveis por elas representadas.

adolescência e ocupação/profissão dos pais); capital cultural familiar (escolaridade dos pais e dos avós). Em vários momentos, esse índice foi subdividido e foram utilizados dois subíndices: capital cultural familiar e capital econômico familiar.

No índice Condições objetivas do indivíduo foram consideradas as questões relativas ao capital cultural individual (quantidade e tipo de leitura praticada, frequência ao cinema e tipo de sala mais freqüentada, fluência em língua estrangeira e frequência a espetáculos culturais) e às condições sócio demográficas individuais (idade, estado civil e quantidade de filhos). O pressuposto básico que determinou a criação desse índice foi o de que as condições objetivas de um indivíduo não se resumem àquelas que caracterizam sua família. Assim sendo, entre indivíduos com uma mesma condição objetiva familiar podemos encontrar diferenças acentuadas na condição objetiva individual. É importante observar que esse índice também foi subdividido e que, na maioria das análises foram utilizados dois subíndices: capital cultural individual e condições sociodemográficas individuais.

No índice Trajetória escolar, foram reunidos os dados relativos ao turno e ao tipo de escola freqüentada; a quantidade de reprovações; a idade de conclusão do ensino médio; e se os estudantes se consideravam bons alunos durante o ensino médio. Por meio da reunião desses indicadores em um único índice, buscou-se estabelecer uma caracterização geral das trajetórias escolares como mais ou menos favoráveis, ou seja, como mais ou menos marcadas por aqueles fatores que tornam mais prováveis a excelência e a longevidade escolar.

No índice rede social, as variáveis consideradas foram o grau de relacionamento com amigos, vizinhos, entre outros, e se esses já haviam feito ou faziam curso superior; se os irmãos já haviam cursado ou estavam cursando o ensino superior; o conhecimento de pessoas na área e a experiência pessoal na área da Educação. O objetivo aqui era captar possíveis influências que extrapolam a relação direta entre pais e filhos. Esse índice foi subdividido em vários momentos em três partes: Rede social/amigos, Rede social/irmãos, Rede social/experiência e contato com pessoas da área de Educação. Este último subíndice foi, por sua vez, dividido em vários momentos em duas partes: experiência na área e contato com pessoas da área.

Um outro índice construído foi o de Inserção no mercado de trabalho. Aqui, as variáveis analisadas foram: renda do indivíduo; se trabalhava em tempo integral no momento da inscrição para o vestibular; situação atual de trabalho.

Uma vez definidos, cada um dos índices acima descritos foi correlacionado com as questões especificamente concernentes à escolha do curso superior. O objetivo, como já foi discutido, foi avaliar em que medida o comportamento e atitudes dos indivíduos diante processo decisório em questão seria influenciado por diferenças secundárias no seu perfil social e escolar.

Como variáveis dependentes, diretamente concernentes portanto à questão da escolha do curso superior, foram consideradas: o grau de antecipação na decisão de fazer um curso superior e de fazer o curso de Pedagogia especificamente; o grau de segurança manifestado nessa tomada de decisão; as razões da escolha; a pretensão em trabalhar na área da educação e o modo como o aluno se sente em relação ao curso.

Por limite de espaço apresentaremos aqui apenas alguns dos cruzamentos realizados entre as variáveis dependentes e os índices que reúnem as variáveis independentes

A primeira variável a ser considerada aqui é o grau de antecedência com que surge a idéia ou a perspectiva de se fazer um curso superior. Se no geral, os dados apontam para um alto grau de antecipação em relação à idéia de se fazer um curso superior, os cruzamentos estatísticos apresentados nas três primeiras tabelas abaixo revelam que isso varia fortemente segundo a origem familiar. Quanto melhores as condições objetivas da família, mais cedo surge a idéia de se fazer um curso superior. Essa correlação permanece muito forte quando consideramos separadamente o capital cultural e o capital econômico familiares. Enquanto 50% dos que vêm de famílias com nível de capital cultural mais baixo afirmam que sempre pensaram em fazer um curso superior, esse número ultrapassa 85% no caso daqueles provenientes de famílias situadas nas faixas média e superior em termos de capital cultural. Da mesma forma, em relação ao capital econômico, temos, na faixa inferior, 53% que sempre pensaram em fazer curso superior, contra 87% na faixa superior.

A tabela seguinte nos mostra que a antecedência com que os alunos pensaram em fazer um curso superior variou também em função de suas trajetórias escolares. Entre aqueles cujas trajetórias foram classificadas no nível inferior, 60,6% sempre pensaram em fazer curso superior, enquanto entre os situados na faixa superior esse percentual chega a 80,9%.

O mesmo se pode dizer a partir da tabela relativa ao capital cultural individual. Entre os situados na faixa inferior desse índice, 56,3% sempre pensaram em fazer curso superior, contra 79,3% entre os pertencentes à faixa superior.

A tabela seguinte, relativa à rede social/irmãos, também apresenta uma correlação significativa. Enquanto entre os alunos situados na faixa inferior, ou seja, que não têm irmãos que cursam ou cursaram ensino superior, o percentual dos que sempre pensaram em fazer um curso superior é de 64,2%, esse percentual ultrapassa os 80% entre aqueles situados nas faixas média e superior, correspondente àqueles que possuem um ou mais irmãos envolvidos com o ensino superior.

Tabela 1 – Antecedência da expectativa de fazer um curso superior

		Quando você começou a pensar em fazer um curso superior?								Total	
		Sempre pensei em fazer um curso superior		Comecei a pensar alguns anos antes da inscrição para o vestibular		Comecei a pensar um ano antes da inscrição para o vestibular		Comecei a pensar alguns meses antes da inscrição para o vestibular			
		Count	%	Conut	%	Count	%	Count	%	Count	%
Condições Objetivas da Família	Inferior	28	56,0%	13	26,0	6	12,0%	3	6,0%	50	100%
	Médio	20	76,9%	5	19,2	1	3,8%	0	0%	26	100%
	Superior	34	87,2%	3	7,7	2	5,1%	0	0%	39	100%
Total		82	71,3%	21	18,3	9	7,8%	3	2,6%	115	100%

Tabela 2 – Antecedência da expectativa de fazer um curso superior

		Quando você começou a pensar em fazer um curso superior?								Total	
		Sempre pensei em fazer um curso superior		Comecei a pensar alguns anos antes da inscrição para o vestibular		Comecei a pensar um ano antes da inscrição para o vestibular		Comecei a pensar alguns meses antes da inscrição para o vestibular			
		Count	%	Conut	%	Count	%	Count	%	Count	%
Capital Cultural Familiar	Inferior	24	50,0%	14	29,2%	7	14,6%	3	6,0%	48	100%
	Médio	28	87,5%	4	12,5%	0	0%	0	0%	32	100%
	Superior	30	85,7%	3	8,6%	2	5,7%	0	0%	35	100%
Total		82	71,3%	21	18,3%	9	7,8%	3	2,6%	115	100%

Tabela 3 – Antecedência da expectativa de fazer um curso superior

		Quando você começou a pensar em fazer um curso superior?								Total	
		Sempre pensei em fazer um curso superior		Comecei a pensar alguns anos antes da inscrição para o vestibular		Comecei a pensar um ano antes da inscrição para o vestibular		Comecei a pensar alguns meses antes da inscrição para o vestibular			
		Count	%	Conut	%	Count	%	Count	%	Count	%
Total		82	71,3%	21	18,3%	9	7,8%	3	2,6%	115	100%

		Count	%	Count	%	Count	%	Count	%	Count	%
Capital Econômico Familiar	Inferior	16	53,3%	9	30,0%	4	13,3%	1	3,3%	30	100%
	Médio	19	61,3%	7	22,6%	3	9,7%	2	6,5%	31	100%
	Superior	47	87,0	5	9,3%	2	3,7%	0	0%	54	100%
Total		82	71,3%	21	18,3%	9	7,8%	3	2,6%	115	100%

Tabela 4 – Antecedência da expectativa de fazer um curso superior

		Quando você começou a pensar em fazer um curso superior?								Total	
		Sempre pensei em fazer um curso superior		Comecei a pensar alguns anos antes da inscrição para o vestibular		Comecei a pensar um ano antes da inscrição para o vestibular		Comecei a pensar alguns meses antes da inscrição para o vestibular			
		Count	%	Count	%	Count	%	Count	%	Count	%
Trajetória Escolar	Inferior	20	60,6%	8	24,2%	3	9,1%	2	6,1%	33	100%
	Médio	24	68,6%	8	22,9%	3	8,3%	0	0%	35	100%
	Superior	38	80,9%	5	10,6%	3	6,4%	1	2,1%	47	100%
Total		82	71,3%	21	18,3%	9	7,8%	3	2,6%	115	100%

Tabela 5 – Antecedência da expectativa de fazer um curso superior

		Quando você começou a pensar em fazer um curso superior?								Total	
		Sempre pensei em fazer um curso superior		Comecei a pensar alguns anos antes da inscrição para o vestibular		Comecei a pensar um ano antes da inscrição para o vestibular		Comecei a pensar alguns meses antes da inscrição para o vestibular			
		Count	%	Count	%	Count	%	Count	%	Count	%
Capital Cultural Individual	Inferior	27	56,3%	15	31,3%	4	8,3%	2	4,2%	48	100%
	Médio	32	84,2%	3	7,9%	2	5,3%	1	2,6%	36	100%
	Superior	23	79,3%	3	10,3%	3	10,3%	0	0%	29	100%
Total		82	71,3%	21	18,3%	9	7,8%	3	2,6%	115	100%

Tabela 6 – Antecedência da expectativa de fazer um curso superior

		Quando você começou a pensar em fazer um curso superior?				Total
		Sempre pensei	Comecei a	Comecei a	Comecei a	

		em fazer um curso superior		pensar alguns anos antes da inscrição para o vestibular		pensar um ano antes da inscrição para o vestibular		pensar alguns meses antes da inscrição para o vestibular			
		Count	%	Count	%	Count	%	Count	%		
Rede social – Irmãos	Inferior	43	64,2%	15	22,4%	6	9,0%	3	4,5%	67	100%
	Médio	31	81,6%	5	13,2%	2	5,3%	0	0%	38	100%
	Superior	8	80,0%	1	10,0%	1	10,0%	0	0%	10	100%
Total		82	71,3%	21	18,3%	9	7,8%	3	2,6%	115	100%

A segunda variável que será aqui considerada refere-se ao grau de antecedência com que surge a idéia ou a perspectiva de se fazer o curso de Pedagogia. Se como vimos, para a grande maioria, a idéia de fazer um curso superior surge bastante cedo, a decisão de cursar Pedagogia é, ao contrário, bastante tardia.

As tabelas abaixo revelam como essa atitude com relação à Pedagogia varia segundo uma série de características dos alunos. Quanto mais favoráveis as condições objetivas da família de origem, mais tarde ocorreu a opção por Pedagogia. Entre aqueles situados na faixa superior em termos de condições objetivas da família, 59% decidiram pelo curso de Pedagogia algumas semanas ou meses antes da inscrição para o vestibular. Esse percentual é de 30% entre os que se situam na faixa inferior desse índice. Vale, por outro lado, notar que enquanto 14,0% dos situados na faixa inferior afirmaram que sempre pensaram em fazer Pedagogia, esse percentual é de apenas 2,6% entre os que se encontram na faixa mais elevada.

Os dados apresentados na segunda tabela, concernente à trajetória escolar individual, apontam, por sua vez, que quanto melhor a trajetória escolar do indivíduo, mais tardiamente ele começou a pensar em fazer Pedagogia: 53,2% dos situados na faixa superior dessa variável disseram que começaram a pensar em fazer Pedagogia alguns meses ou semanas antes da inscrição para o vestibular, contra 39,4% dos situados na faixa inferior.

Os dados da tabela seguinte, relativa aos contatos com pessoas da área de educação revelam que essa variável também interfere no grau de antecedência com que se começa a pensar em fazer Pedagogia. Os dados ficam mais claros se agregarmos as duas primeiras alternativas de um lado e as duas últimas de outro. Temos então que 47,4% dos alunos que tinham alto contato com pessoas da área começaram a pensar em fazer pedagogia desde sempre ou alguns anos antes da inscrição para o vestibular, contra 30,6% entre os que tinham baixo contato e 20% entre os que não tinham nenhum contato. Inversamente, podemos dizer que 52,6% dos que tinham alto contato pensaram

em Pedagogia num prazo igual ou inferior a um ano, contra 69,4% entre os que tinham baixo contato e 80% entre os que não tinham contato.

No caso da tabela seguinte, não é necessário fazer nenhum tipo de agregação. Os dados são muito claros: quanto maior a experiência na área, maior a antecedência com que surge a idéia de fazer Pedagogia. Entre os com alta experiência, 30,4% começaram a pensar nesse curso alguns meses ou semanas antes da inscrição, contra 49,2% entre os com baixa experiência.

Tabela 1 – Antecedência da decisão de fazer Pedagogia

		Quando você começou a pensar em fazer Pedagogia?								Total	
		Sempre pensei em fazer Pedagogia		Comecei a pensar alguns anos antes da inscrição para o vestibular		Comecei a pensar um ano antes da inscrição para o vestibular		Comecei a pensar alguns meses antes da inscrição para o vestibular			
		Count	%	Count	%	Count	%	Count	%	Count	%
Condições Objetivas da Família	Inferior	7	14,0%	11	22,0%	17	34,0%	15	30,0%	50	100%
	Médio	1	3,8%	5	19,2%	9	34,6%	11	42,3%	25	100%
	Superior	1	2,6%	8	20,5%	7	17,9%	23	59,0%	39	100%
Total		9	7,6%	24	20,9%	33	28,7%	49	42,6%	115	100%

Tabela 2 – Antecedência da decisão de fazer Pedagogia

		Quando você começou a pensar em fazer Pedagogia?								Total	
		Sempre pensei em fazer Pedagogia		Comecei a pensar alguns anos antes da inscrição para o vestibular		Comecei a pensar um ano antes da inscrição para o vestibular		Comecei a pensar alguns meses antes da inscrição para o vestibular			
		Count	%	Count	%	Count	%	Count	%	Count	%
Trajetória Escolar	Inferior	4	12,1%	8	24,2%	8	24,2%	13	39,4%	33	100%
	Médio	3	8,6%	9	25,7%	12	34,3%	11	31,4%	35	100%
	Superior	2	4,3%	7	14,9%	13	27,7%	25	53,2%	47	100%
Total		9	7,8%	24	20,9%	33	28,7%	49	42,6%	115	100%

Tabela 6 – Antecedência da decisão de fazer Pedagogia

		Quando você começou a pensar em fazer Pedagogia?				Total
		Sempre pensei	Comecei a	Comecei a	Comecei a	

		em fazer Pedagogia		pensar alguns anos antes da inscrição para o vestibular		pensar um ano antes da inscrição para o vestibular		pensar alguns meses antes da inscrição para o vestibular			
		Count	%	Count	%	Count	%	Count	%	Count	%
Grau de contato	Alto contato	3	15,8%	6	31,6%	3	15,8%	7	36,8%	19	100%
	Médio contato	2	5,7%	6	17,1%	14	40,0%	13	37,1%	35	100%
	Baixo contato	1	2,8%	10	27,8%	8	22,2%	17	47,2%	36	100%
	Nenhum contato	3	12,0%	2	8,0%	8	32,0%	12	48,0%	25	100%
Total		9	7,8%	24	20,9%	33	28,7%	49	42,6%	115	100%

Tabela 7 – Antecedência da decisão de fazer Pedagogia

		Quando você começou a pensar em fazer Pedagogia?								Total	
		Sempre pensei em fazer Pedagogia		Comecei a pensar alguns anos antes da inscrição para o vestibular		Comecei a pensar um ano antes da inscrição para o vestibular		Comecei a pensar alguns meses antes da inscrição para o vestibular			
		Count	%	Count	%	Count	%	Count	%	Count	%
Grau de experiência	Alta exp.	3	13,0	8	34,8%	5	21,7%	7	30,4%	23	100%
	Média exp.	2	7,1	6	21,4%	9	32,1%	11	39,3%	28	100%
	Baixa exp.	4	6,3	10	15,9%	18	28,6%	31	49,2%	63	100%
	Não resp.	0	0	0	0%	1	100%	0	0%	1	100%
Total		9	7,8	24	20,9%	33	28,7%	49	42,6%	115	100%

Uma terceira variável a ser aqui considerada diz respeito à disposição do candidato a fazer um curso fora da área de humanas. Essa variável foi considerada como forma de se investigar em que medida o alargamento ou o fechamento dos horizontes de escolha individuais depende das variáveis independentes aqui consideradas.

Os dados da primeira tabela abaixo, relativa às condições objetivas familiares, revelam que os indivíduos situados na faixa média e superior em termos deste índice estavam mais dispostos a fazer um curso superior fora da área de humanas que seus colegas da faixa inferior.

Na mesma direção, os dados da tabela concernente à trajetória escolar também revelam que os indivíduos situados na faixa média e superior em termos deste índice estavam mais dispostos a fazer um curso superior fora da área de humanas.

Já a tabela sobre capital cultural individual não nos revela uma correlação muito clara entre as variáveis. De qualquer forma, vale a pena observar que 75,9% dos indivíduos situados na faixa superior deste índice estavam dispostos a fazer um curso fora da área de humanas, contra 54,2% e 44,7% nas faixas inferior e média.

Finalmente, a tabela sobre experiência na área de educação nos indica que quanto maior essa experiência, menor a disposição para fazer cursos fora da área de humanas: 39,1% entre os com alta experiência estariam dispostos, contra 61,9% entre os de baixa experiência.

Tabela 1 – Curso fora da área de humanas

		Você faria um curso fora da área de humanas, ou seja, em exatas ou biológicas?						Total	
		Não		Sim		Não respondeu			
		Count	%	Count	%	Count	%	Count	
Condições Objetivas da Família	Inferior	24	48,0%	26	52,0%	0	0%	50	100%
	Médio	6	23,1%	19	73,1%	1	3,8%	26	100%
	Superior	15	38,5%	24	61,5%	0	0%	39	100%
Total		45	39,1%	69	60,0%	1	0,9%	115	100%

Tabela 2 – Curso fora da área de humanas

		Você faria um curso fora da área de humanas, ou seja, em exatas ou biológicas?						Total	
		Não		Sim		Não respondeu			
		Count	%	Count	%	Count	%	Count	
Trajetória Escolar	Inferior	17	51,5%	16	48,5%	0	0%	33	100%
	Médio	11	31,4%	24	68,6%	0	0%	35	100%
	Superior	17	36,2%	29	61,7%	1	1,9%	47	100%
Total		45	39,1%	69	60,0%	1	0,9%	115	100%

Tabela 3 – Curso fora da área de humanas

		Você faria um curso fora da área de humanas, ou seja, em exatas ou biológicas?						Total	
		Não		Sim		Não respondeu			
		Count	%	Count	%	Count	%	Count	%
Capital Cultural Individual	Inferior	22	45,8%	26	54,2%	0	0%	48	100%
	Médio	21	55,3%	17	44,7%	0	0%	38	100%
	Superior	6	20,7%	22	75,9%	1	3,4%	29	100%
Total		49	42,6%	65	56,5%	1	0,9%	115	100%

Tabela 4 – Curso fora da área de humanas

		Você faria um curso fora da área de humanas, ou seja, em exatas ou biológicas?				Total	
--	--	--	--	--	--	-------	--

		Não		Sim		Não respondeu			
		Count	%	Count	%	Count	%	Count	%
Grau de experiência	Alta exp.	14	60,9%	9	39,1%	0	0%	23	100%
	Média exp.	11	39,3%	16	57,1%	1	3,6%	28	100%
	Baixa exp.	24	38,1%	39	61,9%	0	0%	63	100%
	Não resp.	0	0%	1	100,0%	0	0%	1	100%
Total		49	42,6%	65	56,5%	1	0,9%	115	100%

A quarta e última variável a ser aqui considerada refere-se ao grau de insegurança em relação à escolha do seu curso superior vivido pelos candidatos nos meses que antecederam a inscrição para o vestibular.

As três primeiras tabelas abaixo mostram que há uma correlação significativa entre a origem familiar dos alunos e a existência de dúvidas sobre fazer Pedagogia nos meses que antecederam o momento de inscrição para o vestibular. Enquanto 64% dos que se situam na faixa inferior em termos de condições objetivas da família dizem que não tinham dúvida nos meses que antecedem o vestibular, esse percentual cai para 43,6% no caso dos com melhores condições objetivas familiares. A correlação se mantém quando consideramos separadamente o capital cultural e econômico familiares. No primeiro caso, temos que 62,5% e 68,8% dos alunos, respectivamente, da faixa inferior e média não tinham dúvida, contra 40% entre aqueles com família com maior capital cultural. No segundo caso, temos que 60% daqueles situados na faixa inferior em termos de capital econômico e 64,5% dos situados na faixa intermediária não tinham dúvidas, contra 51,9% entre os da faixa superior. Vale notar que a correlação neste último caso é mais baixa do que a verificada quando se considera o capital cultural familiar.

A tabela seguinte, relativa à trajetória escolar, também apresenta uma correlação significativa: mais de 60% dos alunos com uma trajetória escolar menos favorável não estavam em dúvida nos meses que antecederam as inscrições para o vestibular, contra 48,9% entre aqueles que se situavam na faixa superior em termos de trajetória escolar. Esse dado, somado aos apresentados nas três tabelas anteriores, sugere que os alunos com perfil social e escolar mais favorável sentem-se mais inseguros ao escolherem o curso de Pedagogia.

A tabela subsequente, relativa ao grau de contato com pessoas da área de educação, indica que um maior contato está relacionado com um menor nível de dúvida sobre a escolha do curso de Pedagogia. Enquanto 63,2 % dos que apresentavam alto

contato não tinham dúvidas nos meses que antecederam as inscrições, este percentual caía para 52% entre aqueles que não haviam tido nenhum contato.

Finalmente, a tabela sobre experiência profissional na área de educação indica a existência de uma correlação significativa entre essa variável e o grau de segurança na escolha do curso de Pedagogia. Entre os que apresentam alta experiência, 69,6% não tinham dúvidas nos meses que antecederam o vestibular. Esse percentual cai para 52,4% entre aqueles com experiência mais baixa.

Tabela 1 – Dúvida em relação a Pedagogia

		Nos meses que antecederam o vestibular, você ainda estava em dúvida entre escolher Pedagogia ou outros curso?				Total	
		Não		Sim			
		Count	%	Count	%	Count	%
Condições Objetivas da Família	Inferior	32	64,0%	18	36,0%	50	100%
	Médio	17	65,4%	9	34,6%	26	100%
	Superior	17	43,6%	22	56,4%	39	100%
Total		66	57,4%	49	42,6%	115	100%

Tabela 2 – Dúvida em relação a Pedagogia

		Nos meses que antecederam o vestibular, você ainda estava em dúvida entre escolher Pedagogia ou outros curso?				Total	
		Não		Sim			
		Count	%	Count	%	Count	%
Capital Cultural Familiar	Inferior	30	62,5%	18	37,5%	48	100%
	Médio	22	68,8%	10	31,3%	32	100%
	Superior	14	40,0%	21	60,0%	35	100%
Total		66	57,4%%	49	42,6%	115	100%

Tabela 3 – Dúvida em relação a Pedagogia

		Nos meses que antecederam o vestibular, você ainda estava em dúvida entre escolher Pedagogia ou outros curso?				Total	
		Não		Sim			
		Count	%	Count	%	Count	%
Capital Econômico Familiar	Inferior	18	60,0	12	40,0	30	100%
	Médio	20	64,5	11	35,5	31	100%
	Superior	28	51,9	26	48,1	54	100%
Total		66	57,4%%	49	42,6%	115	100%

Tabela 4 – Dúvida em relação a Pedagogia

		Nos meses que antecederam o vestibular, você ainda estava em dúvida entre escolher Pedagogia ou outros curso?				Total	
		Não		Sim			

		Count	%	Count	%	Count	%
Trajetória Escolar	Inferior	20	60,6%	13	39,4%	33	100%
	Médio	23	65,7%	12	34,3%	35	100%
	Superior	23	48,9%	24	51,1%	47	100%
Total		66	57,4%%	49	42,6%	115	100%

Tabela 5 – Dúvida em relação a Pedagogia

		Nos meses que antecederam o vestibular, você ainda estava em dúvida entre escolher Pedagogia ou outros curso?				Total	
		Não		Sim			
		Count	%	Count	%	Count	%
Grau de contato	Alto contato	12	63,2%	7	36,8%	19	100%
	Médio contato	20	57,1%	15	42,9%	35	100%
	Baixo contato	21	58,3%	15	41,7%	36	100%
	Nenhum contato	13	52,0%	12	48,0%	25	100%
Total		66	57,4%%	49	42,6%	115	100%

Tabela 6 – Dúvida em relação a Pedagogia

		Nos meses que antecederam o vestibular, você ainda estava em dúvida entre escolher Pedagogia ou outros curso?				Total	
		Não		Sim			
		Count	%	Count	%	Count	%
Grau de experiência	Alto exp.	16	69,6%	7	30,4%	23	100%
	Médio exp.	16	57,1%	12	42,9%	28	100%
	Baixo exp.	33	52,4%	30	47,6%	63	100%
	Não resp.	1	100%	0	0%	1	100%
Total		66	57,4%	49	42,6%	115	100%

### Considerações finais

Como foi discutido anteriormente, o objetivo principal dessa pesquisa não foi o de identificar um perfil geral dos alunos que escolhem o curso de Pedagogia e nem o de apontar quais são as principais razões de sua escolha. Ao contrário, desejávamos identificar e compreender as variações internas de comportamento e atitude entre candidatos a um mesmo curso superior, no caso, o de Pedagogia.

Acreditamos que esse objetivo foi em grande parte atingido. Ao longo da pesquisa, identificamos e analisamos uma série de variações de comportamento e atitude entre indivíduos e subgrupos no interior da população que escolheu o curso de Pedagogia. Quatro dessas variações foram consideradas aqui: o grau de antecedência com que os indivíduos pensaram em fazer um curso superior; o grau de antecedência com que pensaram em fazer Pedagogia; a existência ou não de disposição para fazer

curso fora da área de humanas; o grau de insegurança nos meses que antecederam a tomada de decisão. Procuramos mostrar que essas variações podem e devem ser compreendidas sociologicamente. Na pesquisa, analisamos como elas estão correlacionadas com a origem familiar, com a trajetória escolar, com o capital cultural individual, com o grau de inserção no mercado de trabalho e com a rede social dos indivíduos. No espaço deste paper, não foi possível apresentar todos esses resultados. De qualquer forma, acreditamos que os dados apresentados já foram suficientes para mostrar a viabilidade e a riqueza de uma análise mais fina, detalhada, complexa, do processo de escolha dos cursos superiores.

### Referências

- BALL S. J., DAVIES J., DAVID M., REAY D. “ Décisions, différenciations et distinctions: vers une sociologie du choix des études supérieures », *Revue Française de Pédagogie*, n 136, juillet août septembre p. 65-75, 2001.
- BOURDIEU, Pierre, *Les Héritiers*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1964
- BRAGA, M. M., PEIXOTO, M. C. L., BOGUTCHI, T. F., “Tendências da demanda pelo ensino superior: estudo de caso da UFMG”. *Cadernos de Pesquisa*, nº113, p. 129-152, 2001.
- BRAGA, M. M., PEIXOTO, M. C. L. *Censo socioeconômico e étnico dos estudantes de graduação da UFMG*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2006.
- BROADY, D., BÖRJESSON, M. PALME, M., “GO WEST! - O sistema de ensino sueco e os mercados transnacionais”. *A escolarização das elites*, Petrópolis, Vozes, 2002.
- DURU-BELLAT M., *Les inégalités sociales à l'école. Genèse et mythes*, Paris, PUF, 2002.
- \_\_\_\_\_, « Socialisation scolaire et projets d'avenir chez les lycéens et les lycéennes. La « causalité du probable » et son interprétation sociologique ». *L'orientation scolaire et professionnelle*, 24, n 1, p 69-86, 1995.
- DURU-BELLAT M. e MINGAT A., « Comportement des bacheliers : modèle de choix de disciplines », *Consommation*, n 3-4, 1979.

PAUL. J. e SILVA, N. V., “Conhecendo o seu lugar: a auto-seleção na escolha de carreira”. Revista Brasileira de Política e Administração da Educação, Vol. 14, nº1, 1998.

REAY D., DAVIES J., DAVID M., BALL S. J. “Choices of Degree or Degrees of Choice? Class, “Race” and the Higher Education Choice Process”, Sociology, vol. 35, n 4, 2001, p. 855-874.

SAMPAIO, H. Ensino superior no Brasil - O setor privado, São Paulo, Hucitec, 2000.

WHITAKER, D et FIAMENGUE, E. Dez anos depois : Unesp. Diferentes perfis de candidatos para diferentes cursos, São Paulo, Vunesp, 1999.